



PERSPECTIVA ADORNIANA, INDÚSTRIA CULTURAL E CINEMA

João Guilherme Barreto Prandini Ricieri¹

Lucas Cabrino Edson de Queiroz²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apontar aspectos fundamentais, presentes em trabalhos científicos elaborados por Theodor W. Adorno aliando de Max Horkheimer, em Dialética do Esclarecimento. Este estudo constata, o surgimento de uma enorme influencia sobre as pessoas vinda da industria cultural e seus meios de reprodução, esta que acaba de assumir o lugar do termo cultura de massa, onde os artistas continuam por buscar sua emancipação. Aborda também, a referencia do cinema hoollywoodiano para Adorno, caso desconsiderarmos este fato estaremos desconsiderado sua teoria critica ao cinema. Adorno elaborou criticas a Walter Benjamin mesmo dependendo de estudos de Benjamin. A ideologia de Adorno no que se refere a analise do cinema possui um grande campo pouco estudado quase esquecido, é de suma importância a retomada de tal pesquisa. A arte e suas linguagens possuem um segmento histórico e cronológico sentenciado ao esquecimento a contribuição que vem a favorecer esta filosofia requer superar o campo senso comum acadêmico hegemônico pesquisando em sua metafísica.

PALAVRA CHAVE: Cinema; adorno; indústria cultural.

ABSTRACT : This article aims to point out fundamental aspects present scientific papers prepared by combining the Adorno Max Horkheimer in Dialectic of Enlightenment . This study notes the emergence of a huge influence on people coming from the cultural industry and its means of reproduction , that you just take the place of the term mass culture , where artists continue to seek their emancipation . Discusses also the reference to the movie hoollywoodiano Adorno, if we disregard this fact will be disregarded his theory criticizes the movies . Adorno drew criticism of Walter Benjamin same depending on studies of Benjamin . The ideology of Adorno as regards the analysis of cinema has a large field understudied almost forgotten , is of paramount importance to resumption of such research . The art and their languages have a historical and chronological segment sentenced to oblivion the contribution that comes to promoting this philosophy requires overcoming common sense hegemonic academic field searching in his metaphysics .

KEYWORD: Movie; adorno ; cultural industry

Adorno vida e obra

¹ Acadêmico, Artes Visuais, 5º semestre, Anhanguera Educacional.

² Acadêmico, Artes Visuais, 5º semestre, Anhanguera Educacional.



Ao argumentar sobre a vida e a obra de Theodor Wiesengrund Adorno estamos diretamente influenciando o leitor, introduzindo um conhecimento base para que o mesmo possa desenvolver a leitura em relação a crítica aqui apontada.

A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 46)

Em meio ao mundo amarrado pelo misticismo, surge com muito anseio um movimento racional agitado pela nevoa materialista seguida do desenvolvimento industrial, a qual invenções como a impressora, o canhão e a bússola produzem mudanças significativas no modo de agir e pensar da humanidade soltando as amarras fortemente estabelecidas pelas ideologias homogêneas pré-conceituais em uma sociedade autoritária de cunho religioso.

No início do século XX, na cidade de Frankfurt Alemanha, nasce Teodor W. Adorno um idealista alemão, marxista também um homem apaixonado pela arte, Doutor em filosofia aos vinte anos de idade desenvolve trabalhos relacionados a música e a estética artística, o mesmo em um determinado período de sua vida é forçado a se retirar de seu país, e estabelecer laços sociais em outra nação.

[...] Em 1933, com a tomada do poder pelos nazistas, Adorno foi obrigado a refugiar-se na Inglaterra, onde passou a lecionar na Universidade Oxford, ali permanecendo até 1938. Nesse ano, transferiu-se para os Estados Unidos, onde escrevia em colaboração com Horkheimer, a obra dialética do iluminismo foi também nos Estados Unidos que Adorno realizou, em colaboração com outros pesquisadores, um estudo posteriormente um modelo de sociologia empírica: A Personalidade Autoritária. (ADORNO, 1996, p. 6)

Em 1947 é publicado o livro dialética do iluminismo onde aparece pela primeira vez a expressão “Indústria cultural”, um aspecto social e político em relação a Comunicação Social e os meios que ela utiliza. Para Adorno a termo “indústria cultural” substituirá o título “cultura de massa”. O portador da ideologia dominante aliada a ideologia capitalista, distorcem as relações entre os homens e a natureza, transformam gradativamente a natureza humana como meros consumidores ou empregados de seu ciclo econômico, conduzindo de forma direta o modelo de consumo da massa a nível global.

A transformação social da arte



Para que haja o melhor entendimento das relações entre “indústria cultural” e a sociedade atual, é necessário uma breve análise sobre a história cultural artística da humanidade, o que era e o que foi transformado atuando diretamente nas relações sociais que antecedem o período presente.

Seguindo uma linha cronológica, artistas e o público foram diferenciando-se das sociedades antigas, as técnicas e os conhecimentos de um determinado grupo possuem uma origem histórica associada à magia, à crença e à política. Essas são as funções predominantes exercidas pela arte sobre cada ser.

Nos relatos mais antigos da arte, durante o período pré-histórico temos o conhecimento de que sua forma de expressão em sua totalidade exercia uma função ritual mágica. Segundo a autora Graça Proença:

Um das explicações mais frequentes é que seriam obra de caçadores, como parte de rituais e magia. Talvez o pintor caçador acreditasse que, “aprimorado” a imagem do animal, teria poder sobre ele. Assim, se o representasse mortalmente ferido no desenho, conseguiria abatê-lo na vida real. [...] (PROENÇA, 2012 p.11)

Em controvérsia no período do Egito antigo, a função dos artistas se caracterizou pela confecção de artesanato populares e pela realização de pinturas, esculturas e monumentos arquitetônicos de exclusividade ao faraó refletindo suas crenças fundamentais segundo essas crenças a vida humana podia sofrer interferência dos deuses, acreditava-se na vida pós a morte.

Já na Grécia antiga a arte visava honrar os deuses, embelezar a cidade e demonstrar seu poder, o escultor grego do período arcaico apreciava a simetria natural do corpo humano, enfatizando a questão estética a busca por expressar um ideal de beleza. Devido a formação da civilização romana ser influenciada pela cultura grega e etrusca a base artística romana tem como função seguir o mesmo princípio de ambas. Em um determinado período histórico, a arte romana supera a arte grega introduzindo novos elementos artísticos e novas funções sociais, elabora-se uma relação entre o artista e sua obra, sem deixar de lado a relação arte – público, partindo de uma arte totalmente didática com o intuito de promover a superioridade política social romana.



Com a queda do império romano e sua divisão marca-se o fim da idade antiga e o início da idade Média as relações entre o artista e o público deste período estavam fortemente ligadas a riqueza e poder, nota-se também a introdução de uma nova crença.

O momento de esplendor da capital do Império Bizantino coincidiu historicamente com a oficialização do cristianismo. A partir daí, a arte cristã primitiva, que era popular simples, foi substituída por uma arte cristã de caráter majestoso, que exprime poder e riqueza. (PROENÇA, 2012 p. 54)

Nesse período à uma alusão em que o imperador era representante de Deus um ser gracioso com poderes espirituais, cabendo a arte demonstrar através de suas linguagens tal ideal religioso. A igreja outorga para si os trabalhos de construtores, carpinteiros, marceneiros, vitralistas, decoradores, escultores e pintores, com o objetivo de tornar público o ideal cristão.

Entretanto, é na Baixa Idade Média que se dá um grande desenvolvimento das artes como resultado da secularização das artes como resultado da secularização da cultura, do florescimento das universidades junto às catedrais, do desenvolvimento do grande comércio e do início da formação da classe burguesa, a qual começa a ocupar a posição de consumidora de arte – se bem que ainda em pequena escala – pois as grandes encomendas continuam sendo feitas pela igreja e pelo poder político.

Durante os séculos XIII e XIV, outro importante fator de incremento às artes foi a emancipação das cidades ao norte da Itália, enriquecidas pelo desenvolvimento mercantil, que se constituíram, em repúblicas livres em relação ao sistema feudal [...] o acúmulo de riqueza por famílias das camadas da burguesia mercantil e financeira propicia o interesse em formar grandes coleções particulares de arte, bem como de financiar a arte, restaurando o mecenato (PEIXOTO, 2003 p.7)

Com o início do Renascimento a sociedade adquiri uma grande característica comercial, evoluindo suas maneiras de negociar, comerciando para além-mar, tendo como objetivo a ampliação do poder econômico se libertando do poder feudal. Segundo Peixoto:

No período do renascimento, a expansão do grande comércio para além-mar e a fundação das colônias, ao mesmo tempo em que caracterizaram o início da acumulação do capital, ensejaram a apropriação colonialista de objetos desconhecidos para a cultura europeia e geraram um acúmulo desses objetos. [...] fatos associados a grande riqueza resultante do desenvolvimento mercantil, propiciaram a criação de um mercado [...]. (PEIXOTO, 2003, p.8)



Em meio a estes acontecimentos surge a grande necessidade de ter um determinado espaço para guardar, expor e negociar obras de arte. Porém surge uma situação problema, distancia-se a arte a obra de seu grande público, acabando com a liberdade de humanização da arte. Esta liberdade que vem a ser criticada em tempos modernos e contemporâneo, segundo Canclini:

[...] Libertar a arte de seu sequestro de galerias e museus para estendê-la ao conjunto da vida. [...] A Arte nunca é tão fascinante, criativa e libertadora como quando atua de forma solidaria com a capacidade produtiva e cognitiva do povo. (PEIXOTO, 2003, p.5 apud CANCLINI)

No que diz respeito ao “florescimento cultural e artístico” o período renascentista não favoreceu ao público, favorecendo somente as camadas da burguesia. As camadas menos favorecidas economicamente sequer obtiveram o conhecimento da existencial das obras de arte. Com a emancipação dos artistas em relação à igreja, acaba por construir o início de um novo público apreciador de arte, um público com o poder de julgamento.

Na Idade Moderna surge um olhar aprofundado sobre as relações artista-público, é estabelecida uma sociedade de classes. A relação entre o artista e sua obra também muda seu conceito, o artista não mais sofria com a igreja da Idade Média esta que em sua totalidade decretava as normas e padrões a serem seguidas pelo artista. Com a queda do poder homogêneo cristão e da superioridade feudal, acaba por impactar os artistas com um bônus, tornando o mesmo um ser livre em sua moral e em sua economia.

A burguesia manufatureira e financeira em ascensão – o novo público comprador – passa a estabelecer os critérios estéticos para apreciação e compra das obras, apesar de se tratar na grande maioria de um público néscio quanto às qualidades estéticas. Motivado por essa falta de conhecimentos, o mercado de arte cria no século XVIII a figura do *marchand* [...] (CANCLINI, 1984, p.98)

Com a introdução do personagem *marchand* – mercador da arte – há um grande impacto na produção artística, o artista em determinadas ocasiões acaba por aceitar contratos vitalícios em troca de comida e abrigo, produzem obras de diversos temas “indicados” pelo mercador, de acordo com a necessidade dos compradores, tornando a “liberdade” algo ilusório. Em contra partida no final do século XVIII proporcionou uma nova perspectiva em relação às artes. Nasce uma nova ideologia sobre a influência de Kant, o qual no ano de 1790 publica, “A Crítica da



Faculdade do Juízo”, a primeira sistematização estética, dando origem ao movimento “Romantismo”, este que tem por finalidade e objetivo a exaltação do verdadeiro artista.

Indústria Cultural

Durante período moderno encerra-se uma filosofia que começou desde a Grécia, surge um caminho inédito mudanças são realizadas, partindo do mito para razão, da magia para ciência e de tal ponto para a lógica. Em meio a tantas transformações a arte livrou-se de sua função religiosa “emancipando” o artista.

[...] a partir da segunda revolução industrial no século XIX e prosseguindo no que se denomina agora sociedade pós-industrial ou pós-moderna (iniciado nos anos 1970) as artes foram submetidas a uma nova servidão: as regras do mercado capitalista e a ideologia da indústria cultural baseada na ideia e na prática do consumo de “produtos culturais” fabricados em série. As obras de artes são mercadorias, como tudo que existe no capitalismo. (CHAUI, 2003, p.156)

A razão iluminista que tinha por objetivo libertar o homem buscando um desenvolvimento social e adquirir sua autonomia acabou por aprisionar ainda mais o indivíduo, devido ao desenvolvimento tecnológico-industrial.

O humano estabelece-se na imitação: um homem torna-se um homem apenas imitando outros homens. (ADORNO apud COTRIM, 2006, p.206)

Perdida a aura, a arte não se democratizou, massificou-se para consumo rápido no mercado da moda e nos meios de comunicação de massa transformando-se em propaganda e publicidade, sinal de *status* social, prestígio político e controle cultural.

Sob os efeitos da massificação da indústria e consumo culturais, as artes correm um risco, de perder três de suas principais características:

1. de expressivas, tornaram-se reprodutivas e repetitivas;
2. de trabalho da criação, tornarem-se eventos para consumo;
3. de experiências do novo, tornarem-se consagração do consagrado pela moda e pelo consumo. (CHAUI, 2003, p.156)

As transformações ocasionadas pela crítica da razão desenvolve essa diversidade cultural e moral, em meio ao termo “indústria cultural” faz criar uma necessidade de pesquisa sobre os aspectos sociais em sua essência humana, almejando o conhecimento de si mesmo e suas interações para com mundo. O indivíduo ciente de si mesmo, do que o cerca e o influencia, desenvolve uma consciência capaz de alertá-lo sobre os valores sociais. O ser se torna autônomo



para sua tomada de decisões, não se tornando um alvo para a alienação, almejando uma habilidade crítica.

Toda cultura e cada sociedade instituem uma moral isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, validos para todos os seus membros. Culturas e sociedades fortemente hierarquizadas e com diferenças muito profundas de castas ou de classes pode até mesmo possuir varias morais cada uma delas referidas de uma casta ou de uma classe social. (CHAUI, 2003, p.165).

Em 1962 quando Adorno publica a obra *Dialética do Iluminismo* junto a Horkheimer, em uma série de conferencias radiofônicas o autor aborda o tema “indústria cultural” explicando que o mesmo visa a substituição da expressão “cultura de massa”, a qual criasse uma ilusão que vem a favorecer os veículos de comunicação.

Os defensores da expressão “cultura de massa” querem dar a entender que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas. Para Adorno, que diverge frontalmente dessa interpretação, a indústria cultural, ao aspirar à integração vertical de seus consumidores não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, em larga medida, determina o próprio consumo. (ADORNO, 1996, p.8)

Ao olhar da indústria cultural o homem é tido como apenas um mero consumidor ou empregado, este ato rebaixa o nível do valor cultural e social da humanidade, é imposto ilusão de certos interesses e necessidades a serem buscados pelas pessoas. A indústria cultural automaticamente assume um posto de característica dominante, tende a oprimir a capacidade de percepção do individuo. Influenciada pelas ideologias capitalistas a arte aliada a industria cultural, atinge com eficácia o objetivo de distorcer as relações entre os seres e dos mesmos para com a natureza, com tudo o resultado é o oposto pregado pela razão iluminista. Diz adorno:

[...]o iluminismo tem como finalidade libertar os homens do medo, tornando-os senhores e liberando o mundo da magia e do mito, e admitindo-se que essa finalidade pode ser atingida por meio da ciência e da tecnologia. (ADORNO, 1996, p.8).

Segundo adorno o próprio momento de lazer do homem é tomado pela indústria cultural à mecanizá-lo tornando-se um prolongamento do trabalho, ou seja, o capitalismo institui a maneiras de diversão, visando se esquivar do trabalho mas o submete novamente ao mecanicismo tornando-se uma ilusão aparente sobre sua felicidade, determinando em sua totalidade a confecção dos produtos para o entretenimento de acesso.



Os produtos não são mais que uma fachada, real sucessão automática de operações reguladas, se limitam em cópias e reproduções do próprio trabalho.

Analisando o poder de mecanização instaurado pela indústria cultural sobre o homem, percebemos condições favoráveis para o surgimento do comércio de má-fé no qual os consumidores são iludidos em relação a uma oferta inatingível. diz Adorno:

Exemplo disso encontrasse nas situações eróticas apresentadas pelo cinema. Nelas, o desejo suscitado ou sugerido pelas imagens, ao invés de encontrar uma satisfação correspondente à promessa nelas envolvida, acaba sendo satisfeito com o simples elogio da rotina. Não conseguindo, como pretendia, escapar a esta última, o desejo divorcia-se de sua realização que, sufocada e transformada em negação, converte, o próprio desejo em privação. A indústria cultural não sublima o instinto sexual, como nas verdadeiras obras de arte, mas o reprime e sufoca. Ao expor sempre como novo o objeto de desejo (o seio sob o suéter ou o dorso nu do herói desportivo), a indústria cultural não faz mais que excitar o prazer preliminar não sublimado que, pelo apelo da privação, converte-se em conduta masoquista. Assim, prometer e não cumprir, ou seja, oferecer e privar são um único e mesmo ato da indústria cultural. [...] a alusão e a excitação a advertência precisa de que não se deve, jamais, chegar a esse ponto. Tal advertência evidencia como a indústria cultural administra o mundo social. (ADORNO, 1996, p. 9 a 10)

A indústria cultural introduz a “necessidade” a seu consumidor de tal modo com que o mesmo tende aceitar e se conformar ao que lhe é ofertado, uma barganha onde o consumidor sai prejudicado, o seu ganho pela realização de mão de obra para o sistema é facilmente substituído por uma falsa alegria de aquisição de bens de consumo, o consumo também produz o produtor como aponta Karl Marx:

[...] o consumo engendra a vocação do produtor, solicitando-lhe a finalidade da produção sobre a forma de uma necessidade determinante [...] ambos surgem como intermediários um do outro [...] A produção cria a matéria do consumo enquanto objeto exterior; o consumo cria para produção a necessidade enquanto objeto interno, enquanto finalidade. (1983, p. 210 a 211 apud PEIXOTO, 2003, p. 48).

Assim o artista terá a necessidade de atualizar seu pensamento quanto “ser criador” e repensar a finalidade de sua arte, justificando seus porquês; para quem se destina e para qual serventia.

Relação Adorno e Cinema



Esta relação está marcada por crítica de ambos os lados, seja de adorno ao cinema e do cinema à ele, a oposição a Adorno afirma que mesmo tendo publicado diversos trabalhos científicos no que diz respeito ao cinema sendo uma delas *Composing for the films* a qual foi construída junto a Hanns Eisler, o autor possui em suas obras a necessidade de um aprofundamento maior, ou seja, suas obras estão inacabadas devido a falta de conteúdo em sua temática. De outro lado Adorno sente a pressão em apontar fatores de extrema importância para que aja uma inovação no método e teoria estética inclusive sobre a indústria fílmica favorecendo cinema.

Ao pensar sobre a na relação de Adorno com o cinema, automaticamente levamos nosso olhar ao seu capítulo “Indústria Cultural” este que é escrito junto a Horkheimer, lembrando que essa obra foi escrita por ambos em seu período de exílio, este ato forçado pelo movimento nazista. Em seu exílio norte-americano assim representa LOUREIRO:

Tendo em vista o cinema de Hollywood, eles enfatizam que, ao ultrapassar de longe o teatro de ilusões, o cinema oblitera a fantasia e o pensamento dos espectadores, fazendo-os passear e divagar no quadro da obra fílmica, mas sem que tenham o controle dos dados exatos da película. (2005, p.125).³

Levando em conta a maior unidade de produção do cinema hollywoodiano ao período da década de quarenta, é de maneira explícita, enxergamos uma ideologia opressora com o intuito de distrair o espectador, ofertando a ele em seus filmes uma nova realidade uma realidade ilusória na qual o mesmo se identifica e toma para si como o real. Ao analisar o texto elaborado por Laureiro rapidamente conclui-se uma ação direta em relação a sociedade por parte da indústria cultural. O cinema, a indústria fílmica é utilizada pela indústria cultural com o foco de passar padrões de comportamento, modos despertando “necessidades” ao receptor de suas informações, através de linguagens verbais, não verbais e paraverbais.

Adorno da continuidade a sua crítica em relação ao cinema, através de uma relação baseada em divergências de idéias conceituais a Walter Benjamin este que possuía um conceito otimista na relação cinema e indústria cultural. Com postura crítica à ótica de Benjamin no que diz respeito a indústria cultural e seus meios de reprodução, Adorno se difere afirmando segundo Cotrim:

³ Artigo produzido para revista Impulso, Piracicaba, 16(39): 123-134, 2005.



[...] Em seu texto “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução” ele se mostra esperançoso com a possibilidade de que a arte, a partir do desenvolvimento das técnicas de reprodução [...] se torne acessível a todos [...] a arte dirigida às massas pode servir como instrumento de politização (COTRIM, 2006, p 208)

Adorno aponta que, Benjamin possui uma conclusão ingênua sobre tal assunto. Mesmo Adorno devendo boas partes de suas reflexões há Benjamin, dá ênfase em revelar a má sustentação de suas teses, o que diz respeito ao conceito de técnica. Benjamin se esquece de que técnica se divide em dois níveis. Tendo como primeiro, o ato “Interno da estética”, e segundo “exteriorizar” obras de arte. O conceito técnico e estético possui uma linha histórica, condenada a extinção.

Esta desmotivação de Adorno – seu conceito pessimista em relação a arte – inicia-se com sua percepção da ausência de consciência crítica dos trabalhadores, ao qual teria sido assimilado e absorvida pela indústria cultural e sua ótica capitalista. Adorno e Horkheimer vinculam a televisão o cinema entre outros canais de comunicação à um termo designado como “Indústria da Diversão de Massa”. Segundo Cotrim: “Através da indústria cultural e da diversão de obter a homogeneização dos comportamentos a massificação das pessoas”. (2006, p.207).

Conclui-se um conceito negativo em relação ao cinema e a indústria cultural através de Adorno o qual afirma que o cinema não é considerado arte, por ser uma ferramenta estética utilizada pela indústria cultural com fins dependentes de investimentos mercados e propagandas, preocupando-se somente com o lucro visando o modismo e consumismo.

Referencias bibliográficas

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. Adorno: textos escolhidos – São Paulo, Nova Cultural, 1996. (Coleção os pensadores)
- ADORNO, Theodor. W. & HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos - Rio de Janeiro, Zaha, 1985.
- CANCLINI, Nestor Garcia. A socialização da arte: teoria e prática na América Latina – São Paulo, Cultrix, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. Filosofia – São Paulo, Editora Ática, 2003. (Série novo ensino médio).



COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas volume único/ Gilberto Cotrim – São Paulo, Saraiva 2010.

LOUREIRO, Robson Considerações sobre o Cinema na Teoria Crítica. Adorno e Kluge: um diálogo possível – Piracicaba, 2005. (Revista acadêmica Impulso).

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. Arte e grande publico: a distância a ser extinta - Campinas SP, Autores associados, 2003. (Coleção polemicas do nosso tempo, 84).

PROENÇA, Graça. História da arte - São Paulo, Editora Ática, 2012.